

TECELAGEM ARTESANAL QUILOMBOLA NO BRASIL: ESTUDO INICIAL SOBRE A PRODUÇÃO KALUNGA

Quilombola handmade weaving in Brazil: an initial study of kalunga production

CARVALHO, Alliny Maia Siqueira de: Mestranda;
Universidade Federal de Goiás, allinymaia@gmail.com¹

ANDRADE, Rita Morais de; Dra;
Universidade Federal de Goiás, ritaandrade@hotmail.com²
Grupo de Pesquisa INDUMENTA: dress and textiles studies in Brazil

Resumo:

O trabalho apresenta a pesquisa inicial sobre o artesanato têxtil de tradição quilombola, da comunidade Kalunga, que habita o nordeste de Goiás desde o século XVIII. A metodologia inclui: revisão da literatura especializada em produção têxtil; coleta de dados da produção atual e a busca por exemplares em coleções de museus. Percebemos que impactos gerados pelo mercado turístico, evidenciam a necessidade de construção de uma relação mais equilibrada entre turistas e a comunidade.

Palavras chave: Artesanato têxtil Kalunga; Turismo; Tradição cultural brasileira.

Abstract:

This work presents the initial research about quilombola textile handicraft, from Kalunga community, which inhabits the northeast of Goiás since the 18th century. The methodology includes: review of the specialized literature on textile production; collection of data from current production and the search for copies in museum collections. It was noticed that the impacts generated by the tourism market point to the need to build a relation of mutual benefit between tourists and community.

Keywords: kalunga textile handicraft; Tourism; Brazilian cultural tradition.

Introdução

¹Bacharel em Design de Moda (FAV/UFG). Especialista em Gestão de Processos Produtivos do Vestuário (SENAI/GO). Mestranda em Arte e Cultura Visual (FAV/UFG).

²Líder do Grupo de Pesquisa INUMENTA. Profa. Do PPG em Arte e Cultura Visual e do Bacharelado em Design de Moda da Faculdade de Artes Visuais, UFG. Dedicou-se à pesquisa sobre o vestir no Brasil.

A tecelagem artesanal é uma atividade remanescente de conhecimento e práticas ancestrais que é transformada historicamente. No Brasil, estudos sobre a produção de tecidos não industrializados tendem a se concentrar em campos de estudo sobre artesanato e artes aplicadas, a exemplo disso podemos citar as obras “Desenho de fibra: artesanato têxtil no Brasil”, de Renato Imbroisi e Maria Emilia Kubrusly, publicado em 2011, e “Design Dialógico: uma estratégia para a gestão criativa de tradições”, de Márcia Ganem, publicado em 2016, permanecendo ainda um tema de menor expressão no campo das artes visuais e da cultura visual. Neste artigo iremos discutir a crescente demanda de consumo de artefatos têxteis produzidos por comunidades de tradição afro-brasileira, observando como o mercado turístico afeta a atividade desses grupos.

O estudo baseia-se nos conceitos de tradições étnicas e produção artesanal de perspectivas antropológicas e históricas, como abordadas em obras de Berta Ribeiro e Manuela da Cunha Carneiro. Trata-se de discussões parciais surgidas da pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (FAV/UFG), que investiga aspectos da atividade têxtil dos kalungas. Estes constituem uma comunidade quilombola localizada no nordeste do estado de Goiás, entre os municípios de Cavalcante, Santa Terezinha de Goiás e Monte Alegre de Goiás.

A partir de um levantamento bibliográfico sobre o assunto, incluindo periódicos da área de Moda, dentre os quais destacamos as revistas Dobras, ModaPalavra e Iara. Foi possível identificar que, apesar da relevância que possui, há uma escassez de produção bibliográfica referente à atividade têxtil quilombola e à relação da tecelagem artesanal com o mercado turístico. Quanto aos estudos de tecidos africanos, vemos que o pequeno número de publicações sobre o tema é resultado de uma hierarquização que privilegia o estudo de tecidos arqueológicos ou de tecidos que tenham relação com a história da indumentária europeia. A respeito destes, há um número expressivo de publicações. Um bom exemplo dessa hierarquização está no comentário de Paula (2006, p. 288) sobre a diferença no padrão expositivo adotado entre a exposição de tecidos africanos e pré-colombianos, estes acompanhados de

textos explicativos, no museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo (MAA/ USP).

As publicações encontradas referentes a essas temáticas pertencem, em sua maioria, aos campos da antropologia e ciências sociais. No periódico *Annals of Tourism Research*, da área de Ciências Sociais, encontramos publicações sobre tecelagem artesanal em comunidades indígenas no contexto turístico, mas nenhuma sobre essa atividade em comunidades quilombolas. A maior parte dessas publicações data do início da década de 1990, até o ano de 2015, e é de autoria de pesquisadores vinculados a universidades norte-americanas.

A exemplo das comunidades abordadas em artigos desse periódico, podemos citar as de Oaxaca, no México, (POPELKA; LITTRELL, 1991, p.1), a dos índios Zapotec, e a dos Maias, em Chiapas, também no México. Para Cone (1995, p. 14), o impacto do turismo para os artesãos desta última revela um campo de observação de intersecções entre o global e o pessoal, que também serão discutidas neste artigo, levando em consideração a ideia de deslocamento dos objetos do campo pessoal para o público (MENESES, 1998, p. 89).

Também foram levantados títulos pelo portal de periódicos da Capes. Entre periódicos revisados por pares, encontramos apenas uma publicação com a busca feita através das palavras chave “tecelagem quilombola”. O artigo foi publicado na revista *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares (TECAP)*, no ano de 2015. Em um levantamento sistemático de publicações dos periódicos *Iara*, *Dobras* e *ModaPalavra* de 2008 a 2017, não encontramos nenhum artigo sobre a produção têxtil quilombola, e nenhum que abordasse a relação entre tecelagem artesanal e o mercado turístico.

O tema tecelagem artesanal é relevante por se relacionar à produção de grupos sociais negligenciados pela história da moda no Brasil. Este artigo apresenta uma revisão da literatura sobre o tema e dados iniciais de nossa pesquisa sobre a produção têxtil da comunidade kalunga em Goiás.

A produção têxtil artesanal

A produção têxtil artesanal está presente na humanidade há, pelo menos, 12 mil anos (RODRIGUES, 2010, p.1) e vem sendo praticada por grupos de culturas diversas. A atividade demanda uma série de processos que envolvem práticas, saberes e sentidos culturalmente construídos. Tais processos têm início no cultivo, preparação e tratamento das fibras que serão transformadas em fios, passando por etapas como tingimento (no caso de tecidos coloridos), fiação e enfim a tecelagem. Dessas etapas se desdobram relações sociais, compartilhamento de conhecimentos entre gerações e da tradição local entre membros de uma comunidade. Em cada etapa do processo produtivo são empregadas técnicas e tecnologia específicas, desenvolvidas no contexto cultural de cada grupo que se utiliza da atividade, variando entre estes de acordo com os conhecimentos e recursos locais.

Isso torna cada peça de tecido única, sendo o artefato têxtil um objeto representativo do contexto cultural em que se insere. No tecer dos fios também são entrelaçadas características culturais e a memória de quem os tece. Garcia (1981, p.150) ao documentar a treição, tipo de reunião de fiandeiras feita na cidade de Hidrolândia, Goiás, relata como cantorias e trocas de versos eram feitas durante o encontro. Enquanto as fiandeiras executavam o seu trabalho, nas treições, dançava-se ao som das cantorias. Citamos essa prática a exemplo dos entrelaçamentos entre cultura e tradição surgidos a partir da tecelagem artesanal.

Marcha que marcha que torna marchá
O dono dessa treição ta querendo chegá
O Sr..... não repara isso não
Nós vamos te ajudá ocê vesti seu
carção (calção)... (GARCIA, 1981, p. 155)

Tecelagem artesanal kalunga: considerações iniciais

A comunidade Kalunga é um grupo majoritariamente negro, rural, goiano e reconhecido como quilombola. Sua história se remete a 1722 quando do início do processo de colonização e implantação do ciclo minerador, as “Minas Goyazes”, desencadeou-se um processo de povoamento do centro do Brasil, segundo Baiocchi (1999, p. 27). O processo de reconhecimento da comunidade

teve início a partir de 1991, com o “Projeto Kalunga: Povo da Terra”, idealizado e coordenado pela antropóloga Mari Baiocchi (MARINHO, 2015, p. 14).

A adoção do etnônimo Kalunga constituiu o grupo enquanto sujeito político etnicamente diferenciado. Desde então, este tem lutado pela titulação de suas terras e outros direitos básicos (MARINHO, 2015, p. 15). A comunidade possui entre suas práticas culturais e tradições, a realização de comemorações coletivas da religiosidade do grupo e a produção artesanal, envolvendo a tecelagem.

Apesar do grande valor histórico e cultural da produção têxtil kalunga, não foi encontrada nenhuma produção bibliográfica a respeito desta. Portanto, serão adotados para a realização do estudo da tecelagem artesanal deste grupo recursos como a análise documental de têxteis³, pesquisa de campo envolvendo entrevistas com as tecedeiras e observação participativa da produção têxtil e da dinâmica social do grupo. Durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado (que se encontra, no momento, em sua fase inicial). Consideramos os relatos das tecedeiras uma relevante fonte de informações a respeito da cultura local, de suas preferências estéticas e de suas práticas. Entendendo que a oralidade é um meio importante de comunicação dessa cultura, tornando possível o seu registro.

Apesar da escassez de informações a respeito da tecelagem artesanal kalunga, há entre pesquisas articuladas, principalmente na área da antropologia, considerável volume de estudos sobre sua cultura e modo de vida. Entre os pesquisadores que se dedicaram a estudar os kalunga, se destaca a antropóloga Mari Baiocchi. Baiocchi realizou esses estudos entre os anos de 1967 e 1995, abordando questões relacionadas à posse de terra e sua demarcação e, no que diz respeito à cultura, às festas e à religiosidade no quilombo (BAIOCCHI, 1995, p. 107). Durante o atual estágio de desenvolvimento da pesquisa, a revisão bibliográfica dos estudos da autora tem sido uma importante fonte de dados a respeito da cultura e costumes dos Kalunga.

³Para a realização dessa análise, tem sido feito um levantamento entre museus históricos situados em Goiás para realizarmos um estudo comparativo, observando características como matérias-primas utilizadas e técnicas de produção dos artefatos têxteis.

A produção têxtil kalunga tem recebido incentivo através das ações de um projeto de extensão multidisciplinar, iniciado no ano de 2009, chamado Girau de Saberes: uma ação artística em comunidades⁴, pertencente à Universidade Federal de Goiás. Por meio de relatos de uma das professoras⁵ integrantes do projeto, da área de Artes Visuais, foi possível compreender alguns aspectos da produção têxtil kalunga, que passou por um período de declínio ao longo dos últimos anos, após o qual poucos teares foram preservados. Na comunidade eram utilizados, tradicionalmente, teares de chão.

Apesar disso, a prática dessa atividade têxtil se mantém viva entre o povo Kalunga. Atualmente tem sido realizado, através do projeto Girau de Saberes, um trabalho junto às tecedeiras para o restauro dos teares antigos e, paralelamente, novos teares têm sido utilizados.

Figura 1: Captura de tela de vídeo mostrando um tear da comunidade.



Fonte: TV NBR, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VZFOgK0il-M>. Acesso em: 15 mai. 2017

Além da questão do descarte dos teares antigos, é enfrentada hoje uma escassez de matéria-prima têxtil para a produção dos tecidos. O algodão foi, no

⁴Girau de Saberes: projeto que cataloga e resgata práticas artesanais da comunidade kalunga, de forma participativa e não intervencionista, com a proposta de aproximar a academia (UFG) da comunidade através da troca de saberes entre ambos.

⁵Professora Maria Tereza Gomes da Silva, vinculada ao curso de Artes Visuais da UFG.

passado, a principal matéria-prima utilizada pelos kalungas para a tecelagem. Contudo, apesar de esforços feitos através do projeto Girau de Saberes para incentivar o retorno à prática de produção do algodão, os resultados não foram satisfatórios. Devido a limitações encontradas no local: em seu solo e por falta de recursos financeiros. Portanto, não existe mais produção de algodão suficiente na comunidade para a produção de tecidos.

Um elemento que tem sido utilizado como recurso para que se mantenha a tradição kalunga, apesar da falta dos fios de algodão, são as fibras de buriti. A utilização desse material evidencia uma influência da cultura indígena sobre a tecelagem na comunidade, cujas terras são circunvizinhas às terras indígenas do grupo Avá- Canoeiro (KUMBLE; LIMA, 2015, p. 195).

Figura 2: Peças tecidas na comunidade Kalunga com a utilização de fibra de buriti.



Fonte: Acervo Projeto Girau de Saberes. Disponível em: <<https://www.ufg.br/n/59502-girau-de-saberes-reune-conhecimentos-populares-e-eruditos>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

O território Kalunga foi declarado Patrimônio Natural Mundial em 2001, pela UNESCO e suas terras são referidas em documentos oficiais como “Sítio Histórico do Patrimônio Cultural Kalunga”. Sua localização e cultura atraem grande visitação, muitos turistas são motivados a visitar o local pelo interesse em realizar ecoturismo em cachoeiras e trilhas ecológicas. A recorrência da atividade turística despertou o surgimento, no ano de 2011, do Projeto Kalunga

Sustentável⁶, realizado pela Associação Quilombo kalunga, com patrocínio da Petrobrás, que visa à capacitação profissional para a geração de empregos a partir da demanda desse mercado.

Apesar da visibilidade e reconhecimento que os kalunga têm tido através de pesquisas acadêmicas, da visitação turística, e da importância que representam para a cultura e história de Goiás, e mesmo de aspectos culturais e históricos do Brasil. A população compreendida em seus povoados, de aproximadamente 800 famílias, segundo dados publicados em 2011 pela Fundação Cultural Palmares⁷, vive em situação de extrema pobreza econômica e desfavorecimento social.

Segundo dados apresentados por Borges e Taveira (2015, p.142), também coletados em 2011, a maior parte das casas é de alvenaria com piso de terra batido. A situação sanitária é descrita como precária na comunidade e o esgoto, quase em sua totalidade, é lançado em valas a céu aberto. Quanto à presença das políticas públicas de incentivo e proteção à produção da comunidade, estas são consideradas deficientes. Esses dados, quando comparados com os apresentados por Tiburcio e Valente (2007, p. 500), coletados entre 2003 e 2005, mostram a estagnação da situação de carência dos Kalungas, que ainda persiste em dias atuais:

[...] Os kalungas vivem próximos aos cursos de águas. Suas casas são simples, feitas de adobe, o telhado é de palha e madeira, e o chão de terra batida. Não existe energia elétrica, a iluminação se dá através de lamparina ou lampião. O modo de vida é rústico, utilizam fogão à lenha, as panelas são lavadas no rio, não existe banheiro sanitário e a higiene corporal é realizada nos córregos e rios.

Reflexões a respeito da influência de atividades de comércio estabelecidas a partir do mercado turístico, seus desdobramentos e efetivas mudanças para as comunidades envolvidas, deram início ao presente estudo.

Mercado turístico e comunidade, tecendo uma relação justa

⁶Mais informações disponíveis no site: <<http://quilombokalunga.org.br/778/>>.

⁷ Dados mais recentes que pudemos encontrar. Disponíveis em: <<http://www.palmares.gov.br/archives/16949>>. Acesso em 30 ago. 2017

Diante do fortalecimento do turismo e de seu potencial para gerar relações econômicas e desenvolvimento, é necessário discutir formas de salvaguardar comunidades, bem como suas práticas tradicionais e cultura local de possível exploração indevida e desrespeito aos direitos de seus membros. Nesse sentido, na ocasião da Assembleia Geral das Nações Unidas, acontecida em janeiro de 2017, em Madrid. Aquele foi designado o Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento⁸. O objetivo foi de promover crescimento econômico de forma inclusiva e sustentável para essas comunidades.

A ONU justificou a escolha pelo turismo apontando para a sua importância para a economia mundial, sendo grande sua expressividade para a promoção de inclusão e para o desenvolvimento de comunidades. A Organização de Turismo Global das Nações Unidas (UNWTO)⁹ engloba, atualmente, 156 países entre seus membros, o que aponta para a relevância do turismo no contexto global.

Para as comunidades de diferentes tradições étnicas envolvidas com o mercado turístico, que permanecem praticando a atividade têxtil artesanal. Em geral, o tecido deixou de ser produzido apenas para consumo próprio, passando a representar, também, uma fonte de renda. É comum, entretanto, entre essas comunidades que seus membros sofram por falta de recursos financeiros, estando imersos em uma situação econômica desigual e excludente.

Muito disso se deve ao isolamento a que são submetidos e à exploração indiscriminada de seus recursos naturais assim como de seus bens culturais. Diante desse cenário, a venda de artigos de tecido produzidos artesanalmente pode, se conduzida de maneira justa, representar uma importante alternativa de fonte de renda para tecedeiras e tecelões. O artefato têxtil artesanal tem atraído os olhares e o investimento de turistas estrangeiros, como já pudemos observar na pesquisa.

⁸ Disponível em: < <http://media.unwto.org/press-release/2015-12-07/united-nations-declares-2017-international-year-sustainable-tourism-develop>>. Acesso em: 8 abr. 2017

⁹ UNWTO- United Nations World Tourism Organization.

A maioria dessas comunidades é representada por, ou faz parte de associações e/ou iniciativas governamentais voltadas à produção de artesanato. Porém, dificilmente a maior parte do lucro obtido a partir da comercialização dos tecidos é destinada, de fato, aos produtores. Em geral, o sistema por trás do mercado turístico é composto de três partes, que incluem produtores- e seus produtos, vendedores e consumidores (POPELKA; LITRELL, 1991, p. 393).

Podem exercer o papel de vendedores: donos de lojas de artesanato que revendem esses produtos, guias turísticos e até mesmo indivíduos que atuem como intermediadores entre turistas e comunidades. A conduta destes porém, recorrentemente, acaba prejudicando os artesãos, seja por reter parte do lucro de forma indevida ou até por manipular o acesso dos consumidores aos produtos. Manipulação esta que pode favorecer uma comunidade em detrimento de outra ao intermediar o contato dos turistas/ clientes com os produtos locais, como cita Cohen (2001, p.381). Já os produtores são os próprios artesãos que trabalham em suas comunidades, enquanto os consumidores são os turistas interessados por esses produtos.

Consumo de têxteis a partir do desejo pelo autêntico

Não é nossa pretensão definir aqui o que é e o que não é autêntico, mas de propor uma reflexão a respeito da real dimensão de autenticidade presente nos tecidos produzidos por artesãos de comunidades que possuem tradições étnicas. Atemporalidade, primitivismo e o conceito de exótico são valores atribuídos a esses artefatos, tornando-os verdadeiros objetos de desejo de turistas que anseiam escapar da alienação e esvaziamento de sentido da vida moderna. (LITRELL; ANDERSON; BROWN, 1993, p. 199).

Apesar das projeções geralmente feitas por turistas que desejam ter contato com culturas exóticas. Essa experiência transforma o modo pelo qual o artesão olha para a sua própria produção, bem como para si, desencadeando um processo de hibridações e transformações mútuas. Cone (1995, p.322) se

refere aos conflitos surgidos da relação entre os tecelões e o turismo étnico¹⁰ como um paradoxo de autenticidade criado por este.

Essa relação é paradoxal devido à forma como o contato com o turista interfere, inevitavelmente, na produção do artesão e em seu modo de vida, implicando em mudanças. Estas chegam a transformar de certo modo a dinâmica social das comunidades, através da inserção de interesses econômicos nas relações sociais. Por um lado, o artesão se vê frente à necessidade de ajustar sua produção por meio de interferências estéticas que o ajudem a inseri-la no mercado, ainda que isso altere suas características tradicionais.

Em meio a essa dinâmica, o turista motivado a consumir produtos com características que acredita ser autênticas e representativas de uma cultura diversa à sua própria, acaba negligenciando os impactos que a sua presença pode causar. Acreditamos que com o avanço da pesquisa e a análise visual dos artefatos, possamos discutir mais profundamente essa questão.

Um dos desdobramentos dessas mudanças na produção é o surgimento de uma nova atribuição funcional para o tecido. Deslocando-o assim de uma esfera privada, marcada pela subjetividade e tradição do artesão, para uma esfera pública. Na qual se torna um produto integrante do mercado turístico e passa a materializar valores e incorporar elementos que o tornem adequado ao comércio nessas condições. Ao receber essa nova função, o tecido deixa de ser produzido para vestir seus produtores e suas comunidades e se torna um souvenir, que Meneses (1998, p.100) define como sendo um artefato fabricado em série, de forma anônima, mas que se destina, paradoxalmente, a abrigar uma memória pessoal, que é previamente configurada e objetivada, do futuro comprador.

Além da fabricação em série, vemos essa ideia se aplicar através das encomendas prévias feitas pelos turistas aos artesãos. Popelka e Littrell (1991,

¹⁰O termo turismo étnico fundamenta-se no conceito de turismo estabelecido pela Organização Mundial de Turismo (OMT), contido no documento intitulado "Caderno e Manuais de Segmentação" de 2015. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/assuntos/5292-caderno-e-manuais-de-segmenta%C3%A7%C3%A3o.html>>. Acesso em: 5 abr. 2017

p. 403) relatam como em uma tribo da cidade de Oaxaca, no México, foram incluídos aos motivos produzidos pelos artesãos cópias de pinturas de artistas como Escher, Matisse, Miró e Picasso. Os artigos com esses motivos passaram a ser produzidos a partir de encomendas feitas por turistas norte-americanos. Apesar desses produtos não possuírem relação com a cultura local, sua produção se deu a partir do acesso às imagens das obras reproduzidas, através de livros levados a eles pelos próprios turistas.

Figura 3: Design de padronagem desenvolvido por artesãos de Oaxaca com adaptação de obra de Matisse



Fonte: LITTRELL; POPELKA, 1991, p. 401. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/016073839190048G>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

Mesmo havendo uma contradição envolvendo o caráter pessoal do souvenir e o contexto público no qual é inserido, Meneses (1998, p.100) comenta que há uma integração que ocorre de maneira simbiótica e absolutamente tranquila entre esses aspectos. As integrações referidas por Meneses em conjunto com o crescimento do mercado turístico, especificamente com o mercado têxtil artesanal, apontam para o estabelecimento de novas práticas e relações a partir da produção têxtil artesanal que transformam, em certa medida, o tecido e as comunidades.

A exemplo dessas transformações podem ser citados os artigos têxteis produzidos atualmente pelas tecedeiras Kalunga. Grande parte da produção têxtil desse grupo é formada por artigos voltados para a utilização em decoração ou como utilitários domésticos. Apesar de serem produzidos a partir de uma atividade tradicional da comunidade, esses artigos são feitos para atender ao mercado e não fazem parte de uma tradição local de produção, que antes era voltada para peças de vestuário.

Considerações finais

Se, por um lado, o mercado turístico proporciona desenvolvimento econômico para as comunidades que produzem peças de tecido a partir de práticas tradicionais, ele também interfere em sua estrutura, o que não é necessariamente negativo, mas deve ser visto com cuidado para que se mantenha uma relação de ganho mútuo, fazendo da relação de consumo uma relação equilibrada, a partir da qual tanto turista quanto artesão se beneficiem.

As interferências às comunidades, surgidas devido à presença de turistas estrangeiros podem gerar mudanças em suas condutas cotidianas e na prática de suas tradições, levando a transformações, inclusive, na forma de produzir o tecido e em seu design. Isso só se torna positivo se fizer parte de um conjunto de transformações que inclua desenvolvimento econômico e respeito aos direitos humanos para as comunidades e seus membros.

Para os campos de estudo que envolvem o design e a moda, cabem as reflexões e discussões a respeito desse mercado que vem se fortalecendo e transformando a forma de produzir e consumir o tecido artesanal. Visando viabilizar o surgimento de alternativas para que se possa simultaneamente promover a preservação de produtos artesanais e das tradições que eles materializam sem, contudo, consentir com a manutenção de situações de pobreza e exclusão social.

Tais discussões, em futuras pesquisas, podem contribuir não apenas para a produção de conhecimento, mas também para salvaguardar práticas e conhecimentos de comunidades que são afetadas econômica e culturalmente pelo mercado turístico. Levando em consideração que políticas públicas e

universais assim como as relações estabelecidas, inclusive de mercado, através do turismo não inibem a necessidade de ter em vista as características e singularidades de cada comunidade envolvida. O que se aplica, também, ao estudo da produção têxtil de cada grupo.

No caso da comunidade kalunga, a preservação da atividade têxtil é importante para a memória do grupo e para a história e cultura de Goiás. A atividade tem sido enfraquecida devido à perda da tradição de tecer. Essa perda se deve, em grande parte, à aquisição de artigos de vestuário industrializados por parte dos membros da comunidade, que prezam pela praticidade de consumir esses produtos. Nesse contexto, a produção de tecido para a comercialização é uma alternativa que atende à necessidade de preservação da tradição da comunidade e a insere no mercado.

O mercado turístico, conduzido de forma justa, pode significar um estreitamento das fronteiras que mantém os kalungas à margem social e economicamente. A comunidade enfrenta um grande isolamento e precisa ser inserida economicamente em um contexto social mais amplo, sendo que não possui recursos para obter a infraestrutura e conforto de que precisa, dada a situação de extrema pobreza em que se encontra. Nesse sentido, a tradição de tecer pode ser além de uma expressão da cultura dessa comunidade, uma importante fonte de recursos.

Referências

ANDERSON, Luella F.; BROWN, Pamela J.; LITTRELL, Mary Ann. **What makes a craft souvenir authentic?** Annals of Tourism Research, v. 20, p. 197-205, 1993. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/016073839390118M>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

BAIOCCHI, Mari Nasaré de. **Kalunga: a sagrada terra.** Revista da Faculdade de Direito da UFG, v. 19/20, n.1, p. 107-120, 1995/1996. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revfd/article/view/11941/7883>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

_____. **Kalunga: o povo da terra.** Goiânia: UFG, 1999.

BORGES, Julio César; TAVEIRA, Ana Celuta Fulgêncio. Os Direitos Sociais como garantia de Cidadania do Povo Kalunga. In: ALMEIDA, Maria Geralda; BRETAS, Isabella de Faria; MOTA, Rosiane Dias. (orgs.) **II Encontro de Pesquisadores sobre os Quilombolas Kalunga Políticas Sociais e**

Pesquisa no Território Kalunga: Redes de Contatos e Saberes. Goiânia: UFG/IESA, 2015. p. 134-145.

COHEN, Jeffrey H. **Textile, tourism and community development.** Annals of Tourism Research, v. 28, n. 2, p. 378-398, 2001. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738300000608>>. Acesso em: 11 mai. 2017.

CONE, Cynthia Abbott. **Crafting selves:** The lives of two mayan women. Annals of Tourism Research, v. 22, n. 2, p. 314-327, 1995. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738394000794>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, **TJGO reconhece legalidade de posse territorial do quilombo Kalunga.** Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/archives/16949>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

GARCIA, Marcolina Martins **Tecelagem Artesanal:** estudo etnográfico em Hidrolândia, Goiás. Goiânia: UFG, 1981.

KUMBLE, Peter; LIMA, Ismar Borges. Intervenções etnoterritoriais e sociais: os avanços no desenvolvimento comunitário Kalunga com o (eco)turismo. In: ALMEIDA, Maria Geralda. (org.). **O território e a comunidade Kalunga:** quilombolas em diversos olhares. Goiânia: Gráfica UFG, 2015, p. 191-229.

LITTRELL, Mary Ann; POPELKA, Cheryl Ann. **Influence of tourism on handcraft evolution.** Annals of Tourism Research, v. 18, p. 392-413, 1991. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S016073839190048G>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

MARINHO, Thais Alves. Além do culturalismo: uma discussão teórica sobre cultura e etnia para quilombolas. In: ALMEIDA, Maria Geralda. (org.). **O território e a comunidade Kalunga:** quilombolas em diversos olhares. Goiânia: Gráfica UFG, 2015, p. 12- 44.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e cultura material:** documentos pessoais no espaço público. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p.89-103, 1998. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000202&pid=S0101471201100010000600021&lng=pt>. Acesso em: 12 abr. 2017.

MINISTÉRIO DO TURISMO: **Caderno e manuais de segmentação,** 2015. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/assuntos/5292-caderno-e-manuais-de-segmenta%C3%A7%C3%A3o.html>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

PAULA, Teresa Cristina de. **Tecidos no museu:** argumentos para uma história das práticas curatoriais no Brasil. Anais do Museu Paulista, v.14, n.2 p. 253-298, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v14n2/a08v14n2.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

PROJETO KALUNGA SUSTENTÁVEL: **Vídeo:** Cachoeira Santa Bárbara, 2012. Disponível em: <<http://quilombokalunga.org.br/778/>>. Acesso em: 24 mai. 2017.

RODRIGUES, Ana Izaura Pina. **A tecelagem manual em Brasília: uma investigação antropológica sobre o universo têxtil.** 2010. 201f. Tese (Doutorado)- Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/11009>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

TIBURCIO, Breno Aragão; VALENTE, Ana Lúcia E. F. **O comércio justo e solidário é alternativa para segmentos populacionais empobrecidos? Estudo de caso em Território Kalunga (GO).** Revista de Economia e Sociologia Rural, Brasília, v. 45, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320032007000200>. Acesso em: 3 jun. 2017.

UFG: **Girau de Saberes reúne conhecimentos populares e eruditos,** 2012. Disponível em: <<https://www.ufg.br/n/59502-girau-de-saberes-reune-conhecimentos-populares-e-eruditos>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

WORLD TOURISM ORGANIZATION: **United Nations declares 2017 as the International Year of Sustainable Tourism for Development,** 2015. Disponível em: <<http://media.unwto.org/press-release/2015-12-07/united-nations-declares-2017-international-year-sustainable-tourism-develop>>. Acesso em: 12 abr. 2017.